

O
VIGILANTE
NOTURNO

LOUISE ERDRICH

TRADUÇÃO DE LÍVIA RODRIGUES



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL
Rio de Janeiro, 2024

Em 1º de agosto de 1953, o Congresso dos Estados Unidos divulgou a Resolução Simultânea 108 da câmara, um projeto de lei que revogava os tratados entre o governo norte-americano e as nações indígenas, os quais foram acordados pelo “tempo que a grama crescer e as águas dos rios fluírem”. A declaração exigia a rescisão definitiva de todos os povos e a imediata terminação de cinco deles, incluindo a Turtle Mountain Band, dos Chippewas.

Meu avô, Patrick Gourneau, lutou contra a terminação como presidente do conselho tribal, enquanto trabalhava como vigilante noturno. Ele mal dormia, como o personagem Thomas Wazhashk. Este livro é uma ficção, mas, mesmo assim, tentei ser fiel à vida extraordinária de meu avô. Qualquer erro é de minha responsabilidade. Além de Thomas, e da Fábrica de Rolamento de Joias Turtle Mountain, o único personagem de destaque que se assemelha a alguém vivo ou morto é o Senador Arthur V. Watkins, perseguidor implacável da expropriação dos indígenas e o homem que interrogou meu avô.

Pixie, ou — perdão — Patrice, é completamente ficcional.

Setembro de 1953

AMOSTRA



Fábrica de Rolamento de Joias de Turtle Mountain

THOMAS WAZHASHK retirou a garrafa térmica de debaixo do braço e a colocou na mesa de ferro ao lado de sua maleta surrada. A jaqueta de trabalho ficou na cadeira e a marmita, no frio peitoril da janela. Ao tirar o boné acolchoado, uma maçã silvestre caiu de uma das abas. Um presente de sua filha, Fee. Ele pegou a pequena maçã e a colocou em cima da mesa para admirá-la. Depois, perfurou o cartão de ponto. Meio-noite. Pegou o chaveiro, uma lanterna da empresa e caminhou pelo perímetro do andar principal.

Nesse espaço silencioso, sempre silencioso, as mulheres de Turtle Mountain passavam os dias debruçadas sobre a luz intensa das luminárias de trabalho. Elas colavam finos microfragmentos de rubi, safira ou a pedra secundária, granada, em fusos estreitos na vertical em preparação para a perfuração. Os rolamentos de joia seriam utilizados em munições do Departamento de Defesa e relógios Bulova. Era a primeira vez que havia trabalho manual perto da reserva e eram as mulheres que preenchiam a maioria dessas cobiçadas posições. Elas haviam tirado notas muito mais altas nos testes de habilidades manuais.

O governo atribuía a concentração das mulheres ao sangue indígena e à prática com o trabalho com contas. Thomas achava que eram os olhos aguçados — as mulheres de seu povo eram capazes de perfurar os outros com apenas um olhar. Ele próprio fora sortudo em conseguir aquele emprego. Era esperto e honesto, mas não era mais jovem e magro. Garantiu a vaga porque era confiável e se esforçava para fazer tudo o que fazia da maneira mais perfeita possível. Seus turnos eram feitos com rigorosa minúcia.

Ao longo da sua ronda, ele verificava a sala de perfuração, testava cada fechadura, ligava e desligava as luzes. A certa altura, para manter o sangue fluindo, ele fazia uma dancinha sofisticada, depois dava uma quebrada no maior estilo Red River. Revigorado, passava pelas portas

reforçadas dos recintos com banho de ácido, com as fileiras de béqueres numerados, reguladores de pressão, mangueiras, pias e estações de banho. Conferia os escritórios, os banheiros com ladrilhos verdes e brancos e voltava à oficina mecânica. Sua mesa tinha luz de uma luminária resgatada e consertada por ele mesmo para que pudesse ler, escrever, refletir e se estapear, de vez em quando, para ficar acordado.

THOMAS RECEBEU o nome do rato almiscarado, wazhashk, o pequeno roedor trabalhador e apaixonado por água. Os ratos almiscarados estavam em todos os pântanos espalhados pela reserva. Suas formas pequenas e flexíveis deslizavam apressadas pela água ao entardecer, continuamente arrumando as tocas e comendo (e como gostavam de comer) quase tudo o que crescesse ou se movesse no pântano. Embora os wazhashkags fossem numerosos e comuns, também eram cruciais. No início, depois da grande inundação, foi o rato almiscarado quem ajudou a refazer a terra.

Por essa perspectiva, como se revelou depois, Thomas recebeu o nome perfeito.



Pão com Banha de Porco

PIXIE PARANTEAU colocou cola na pedra bruta e a fixou ao bloco para perfuração. Ela puxou a joia pronta e a colocou em uma pequena fenda na placa. Quando estava enfurecida, ela fazia tudo perfeitamente bem. Os olhos ficavam atentos, a mente se estreitava, a respiração diminuía. O apelido Pixie¹ tinha pegado na infância, por causa de seus olhos pequenos. Desde o ensino médio, ela tentava fazer com que todos a chamassem de Patrice. Nada de Patsy, Patty, ou Pat. Mas até sua melhor amiga se recusava a chamá-la de Patrice. E a amiga estava ali, sentada bem ao lado dela também colando joias nas intermináveis fileiras de fendas. Ela não era mais rápida do que Patrice, mas era a segunda mais rápida entre todas as mulheres e garotas da fábrica. A sala grande estava quieta, exceto pelo zumbido das luminárias. Os batimentos cardíacos de Patrice diminuíram. Não, ela não era Pixie, uma fada, apesar de sua constituição pequena e de todos falarem que ela era wawiyazhinaagozi, o que significava numa tradução odiosa que ela era uma gracinha. Ela não era uma gracinha. Patrice tinha um emprego. Patrice não se importava com coisas insignificantes como a carona para lugar nenhum que Bucky Duvall e seus amigos deram a ela e depois disseram para os outros que ela tinha aceitado fazer algo que não tinha feito. E que jamais faria. E olha só como estava o rosto do Bucky agora. Não que ela tivesse culpa do que houve com ele. Patrice não fazia esse tipo de coisa. Ela também não se importava com o vômito marrom do pai, depois de uma noite, que encontrou na blusa que deixara secando na cozinha. Ele estava em casa, grunhindo, cuspidando, atormentando, resmungando, ameaçando seu irmãozinho, Pokey, e implorando a Pixie por um dólar. Não, 25 centavos. Não, 10 centavos. Nem mesmo uma moedinha de 10 centavos? Tentando unir os dedos, mas os dedos não se juntavam. Não, ela não era a Pixie que tinha escondido a faca e ajudara sua mãe a arrastá-lo para uma esteira onde ele dormiria até que todo o veneno fosse drenado.

1. Pixie, em língua inglesa, se refere a pequenas criaturas imaginárias como fadas e duendes. [N. da T.]

Naquela manhã, Patrice vestira uma blusa velha, caminhara até a estrada e, pela primeira vez, pegara carona com Doris Lauder e Valentine Blue. Sua melhor amiga tinha um nome para lá de poético, mas não a chamava de Patrice. No carro, Valentine sentou-se no banco da frente e disse:

— Pixie, como está aí atrás? Espero que esteja confortável.

— Patrice — corrigiu Patrice.

Valentine não disse nada.

Valentine! Falando com Doris Lauder sobre como fazer um bolo com cobertura de coco. Coco. E por acaso havia algum coqueiro a menos de dois mil e quinhentos quilômetros quadrados daqui? Valentine. Ela usava uma saia rodada alaranjada com tons de dourado queimado. Linda como o pôr do sol. Sem nunca se virar para o banco de trás. Flexionava as mãos com luvas novas para que Patrice pudesse vê-las e admirá-las, porém do banco de trás. E depois trocava dicas com Doris de como tirar mancha de vinho tinto de um guardanapo. E Valentine já teve, alguma vez na vida, por acaso, um guardanapo? E ela já tinha bebido vinho que não fosse no meio do mato? E depois tratara Patrice como se não a conhecesse, porque Doris Lauder era uma garota branca nova na fábrica de joias, uma secretária, que usava o carro da família para ir ao trabalho. Doris se ofereceu para dar carona à Valentine e ela dissera: “Minha amiga Pixie faz esse caminho, será que é possível...”

E a incluiu, era o que uma melhor amiga devia fazer, mas depois a ignorou e se recusou a usar seu nome verdadeiro, seu nome de crisma, o nome pelo qual — talvez fosse constrangedor dizer, mas ela pensava nisso mesmo assim — o nome pelo qual ela ascenderia no mundo.

O Sr. Walter Vold chegou perto da fileira de mulheres com as mãos para trás enquanto observava o trabalho de forma furtiva. Ele deixava sua sala a cada poucas horas para inspecionar todas as estações. Vold não era idoso, mas suas pernas eram finas e estalavam e os joelhos esbarravam um no outro quando caminhava. Hoje o rangido estava diferente, talvez viesse de suas calças pretas feitas com um tecido duro e brilhante. O sapato rangia quando encostava no chão. O homem parou atrás dela. Na mão, uma lupa. Ele aproximou a mandíbula quadrada suada do ombro dela e seu hálito cheirava a café. Ela continuou trabalhando e seus dedos não tremeram.

— Excelente trabalho, Patrice.

Viu? Rá!

E se afastou. Rangido. Estalo. Mas Patrice não se virou e piscou para Valentine. Ela não se vangloriava. Ela sentiu a menstruação dando as caras, mas tinha prendido um trapo limpo dobrado na calcinha. Mais essa. Pois é, mais essa.

AO MEIO-DIA, as mulheres e os poucos homens que trabalhavam na fábrica iam a uma saleta onde deveria ser o refeitório. Tinha uma cozinha completa, mas ninguém tinha sido contratado para fazer o almoço, então as mulheres se sentavam para comer o que traziam de casa. Alguns tinham marmitas, outros, um pote com banha ou apenas pratos cheios de farinha. Mas normalmente, os da banha e de farinha eram compartilhados. Patrice levou um pote com calda amarela e massa crua cheio até a boca. Isso mesmo. Ela o pegou ao sair, de tão abalada que estava com os delírios do pai, saiu correndo pela porta, esquecendo que antes do café da manhã pretendia fazer pão gullet² na frigideira da mãe. E nem tinha tomado o café. Nas últimas duas horas, ficou apertando o estômago tentando reprimir os grunhidos. É claro que Valentine percebeu, mas agora ela estava, obviamente, conversando com Doris. Patrice comeu um pedacinho da massa. Não estava tão ruim. Valentine olhou para o pote dela, viu a massa e riu.

— Esqueci de fritar — disse Patrice.

Valentine a olhou com pena, mas uma mulher casada chamada Santa Anne riu quando ouviu o que Patrice disse. A história do que tinha no pote se espalhou, que ela tinha se esquecido de cozinhar, assar ou fritar a massa. Patrice e Valentine eram as mais novas da fábrica, contratadas assim que acabaram o ensino médio. Dezenove anos de idade. A Santa da Anne empurrou um pão com manteiga na mesa para Patrice. Alguém lhe deu um biscoito de aveia e Doris lhe deu metade de um sanduíche de bacon. Patrice tinha feito uma piada. Estava prestes a começar a rir e fazer outra.

— Só o que tem aí é pão com banha — disse Valentine.

Patrice fechou a boca. Ninguém disse nada. Valentine quis dizer que era comida de pobre, mas todos comiam pão com banha, sal e pimenta.

— Parece gostoso. Alguém me dá um pedaço? — falou Doris. — Me dá um pouco.

— Toma aqui — respondeu Jay Cachinhos, apelido que ganhou por causa de seu cabelo quando era criança.

2. Pão frito crocante da tradição indígena. [N. da T.]

O apelido pegou mesmo, embora o cabelo dela agora fosse liso es-
corrido.

Todos olhavam para Doris enquanto ela experimentava o pão com
banha.

— Não é tão ruim — anunciou.

Patrice olhou para Valentine com pena. Ou será que foi Pixie que fez
isso? De qualquer forma, a hora do almoço terminou e seu estômago
não ia ficar grunhindo a tarde toda. Ela agradeceu em voz alta a todos e
foi para o banheiro. Havia duas cabines e Valentine era a única que es-
tava ali. Patrice reconheceu os sapatos marrons com arranhões cobertos
de tinta. As duas estavam naquela época do mês.

— Ah, não — falou Valentine na cabine. — Que droga.

Patrice abriu a bolsa, hesitou, depois entregou os trapos dobra-
dos por baixo da divisória de madeira. Ela os tinha lavado e alvejado.
Valentine os pegou.

— Obrigada.

— Obrigada...

Pausa.

— MUITÍSSIMO obrigada, Patrice — disse ela e depois riu. — Você
me salvou.

— Salvei, né, sua balofa.

Outra risada.

— Você é mais balofa do que eu.

De cócoras na privada, Patrice prendeu o paninho limpo, enrolou o
usado em papel higiênico e depois em um jornal que levou para esse fim.
Saiu da cabine depois de Valentine e enfiou o embrulho bem fundo na li-
xeira. Lavou as mãos com sabão, ajustou os protetores nas axilas, arrumou
o cabelo e reaplicou o batom. Quando finalmente saiu, a maioria já estava
trabalhando. Ela voou para dentro do jaleco e ligou sua luminária.

LÁ PELO MEIO DA TARDE, seus ombros começaram a arder. Os
dedos doíam e a bunda seca estava dormente. As líderes do grupo lem-
bravam as mulheres de se levantarem, se alongarem e focarem os olhos
em uma parede distante. Depois, revirarem os olhos e focá-los de novo
na parede. Após revigorar os olhos, elas cuidavam das mãos, flexionan-
do os dedos e pressionando as juntas inchadas. E então, voltavam para
a lenta, calma e hipnótica labuta. A dor voltou de forma implacável.
Mas estava quase na hora do intervalo, quinze minutos, saindo fileira

por fileira, para que todas pudessem usar o banheiro. Algumas mulheres iam ao refeitório fumar. Doris tinha preparado um precioso bule de café. Patrice bebeu o seu em pé, segurando o pires no ar. Quando se sentou novamente, se sentiu melhor e entrou num transe de concentração. Contanto que os ombros ou as costas não doessem, esse estado hipnótico da mente poderia durar uma ou talvez duas horas. Isso lembrava Patrice de como se sentia quando fazia trabalhos com contas com sua mãe. Esses momentos colocavam ambas em um calmo ambiente de concentração. Elas murmuravam preguiçosamente uma para a outra, enquanto escolhiam e combinavam as miçangas com as pontas de suas agulhas. Na fábrica de joias, as mulheres também conversavam em sussurros.

— Por favor, senhoras.

O Sr. Vold proibia conversas, mas elas conversavam mesmo assim. Depois dificilmente se lembravam do que tinham falado, mas conversavam o dia todo. Perto do fim da tarde, Joyce Asiginak trouxe os novos boules³ para serem cortados e assim o processo prosseguia de novo e de novo.

DORIS LAUDER também as levou para casa. Desta vez, Valentine se virou para incluir Patrice na conversa, o que foi bom porque Pixie precisava parar de pensar no pai. Será que ele ainda estaria lá? Os pais de Doris tinham uma fazenda dentro da reserva. Haviam comprado a terra do banco em 1910, quando as terras indígenas eram tudo o que as pessoas tinham para vender. Era vender ou morrer. Havia propaganda de terras espalhada em todo lugar; à venda e barato. Apenas algumas poucas fazendas eram na reserva, e os Lauder tinham o alto silo prateado que podia ser visto de qualquer lugar da cidade. Doris deixou Patrice primeiro e se ofereceu para levá-la pela entrada tortuosa até sua casa, mas ela disse que não e agradeceu. Não queria que Doris visse a porta desengonçada, o monte de lixo. E o pai poderia ouvir o carro, sair tropeçando e importunar Doris para lhe dar carona até a cidade.

Patrice caminhou pela estrada gramada e parou em meio às árvores para ver se o pai continuava lá. A varanda estava vazia. Ela passou silenciosamente e se inclinou para abrir a porta da casa. Era feita de um simples tronco e um retângulo de lama; grosseira, baixa e arqueada. De

3. (Gemologia) Massa cristalina, cilíndrica, formada no processo de produção de cristais sintéticos. [N. da T.]

alguma forma, sua família nunca fez parte da lista de moradias indígenas. O fogão estava aceso e sua mãe fervia água para o chá. Além de seus pais, tinha o irmão magrelo, Pokey. A irmã, Vera, havia se candidatado para o Departamento de Recrutamento e Realocação de Pessoal e foi para Mineápolis com seu novo marido. Eles conseguiram um pouco de dinheiro para montar um lugar para morar e fazer treinamento para um trabalho. Muitas pessoas voltavam depois de um ano, de outras, nunca mais se tinha notícias.

A risada de Vera era alta e radiante. Patrice sentia falta de como ela mudava tudo — de como interrompia a tensão da casa e iluminava a escuridão. Ela fazia palhaçada com tudo, do balde onde urinavam nas noites de inverno, da forma como a mãe as repreendia por pisarem nas coisas do pai e do irmão ou por tentarem cozinhar quando estavam naqueles dias do mês. Ela até ria do pai quando ele chegava em casa shkwé-bii — desvairado como um gato escaldado.

Ele estava em casa agora e Vera não estava lá para brincar sobre as calças dele caindo sem cinto, nem sobre sua maçaroca de cabelo. Não estava lá para fazer caretas e revirar os olhos. Não havia como disfarçar a imensa vergonha que sentiam por ele. Nem como mantê-lo longe e tudo o mais. O piso de terra era desigual debaixo da fina camada de linóleo. Patrice pegou uma xícara de chá e se enfiou no cobertor da cama, a qual cresceu compartilhando com a irmã. Atrás, ficava uma janela que era boa na primavera e no outono, quando elas gostavam de olhar o bosque, e terrível no inverno e no verão, quando morriam de frio ou ficavam malucas por causa das moscas e mosquitos. Ela podia ouvir os pais. Ele estava implorando muito, mas continuava muito bêbado para se tornar cruel.

— Só um ou dois centavos. Um dólar, querida, e vou embora. Não vou ficar aqui. Vou te deixar em paz. Você vai ficar sozinha, não vou mais atrapalhar, você me falou que era o que queria. Fico fora de casa. Nunca mais vai precisar olhar para mim.

E a lenga-lenga continuava, enquanto Patrice tomava um pouco de chá e olhava as folhas de bétula que iam ficando amareladas. Depois de tomar o último gole mais docinho, ela pousou a xícara, colocou uma calça jeans, sapatos surrados e uma camisa xadrez. Prendeu o cabelo e deixou o cobertor na cama. Ignorou o pai — as canelas finas e os sapatos barulhentos — e mostrou para a mãe a massa crua no pote do almoço.

— Ainda está boa — disse a mãe torcendo a boca em um sorriso.

Ela tirou a massa do pote e, com movimentos lentos, colocou-a em uma frigideira. Às vezes, as coisas que a mãe fazia repetidamente ao longo da vida pareciam truques de mágica.

— Pixie, ah, Pixie, minha bonequinha!

O pai deu um gemido alto. Patrice saiu, caminhou até a pilha de lenha, tirou o machado do toco e cortou um pedaço de tronco. Depois partiu alguns pedaços, e até carregou e empilhou a lenha ao lado da porta. Essa era tarefa de Pokey, mas ele ia à aula de boxe depois da escola. Por isso, ela continuou a cortar a madeira. Com o pai em casa, precisava de algo intenso para fazer. Sim, ela era pequena, mas era naturalmente forte. Gostava do metal reverberando na madeira e depois em seus braços. E alguns pensamentos vinham à sua mente conforme ia golpeando o machado. O que faria. Como agiria. O que poderia fazer para que as pessoas se tornassem suas amigas. Ela não simplesmente empilhava a lenha, empilhava em um padrão. Pokey a amolava por causa das pilhas espalhafatosas que fazia. Mas a admirava. Ela era a primeira pessoa da família a ter um emprego. O trabalho não era fazer armadilhas, caçar, nem colher frutas, mas um trabalho de gente branca, fora da cidade. A mãe não dizia nada, mas dava a entender que estava grata. Este ano, Pokey tinha os sapatos da escola. Vera tinha um vestido xadrez, permanente no cabelo, miçangas brancas no tornozelo para a viagem até Mineápolis. E Patrice guardava um pouco do salário todo mês para seguir os passos de Vera, que talvez tenha desaparecido.



O Vigia

HORA DE ESCREVER. Thomas se posicionou, fez os exercícios de respiração do Método Palmer que aprendera no internato⁴ e tirou a tampa da caneta. Havia comprado um novo bloco de papel pautado no mercado; as folhas eram de um verde suave e agradável aos olhos. A mão estava firme. Começaria com a correspondência oficial e, depois, faria um agrado a si mesmo com cartas para o filho Archie e a filha Ray. Até gostaria de escrever também para Lawrence, o filho mais velho, mas não tinha o endereço ainda. Thomas escreveu primeiro para o senador Milton R. Young, parabenizando-o por seu trabalho ao fornecer eletricidade para a zona rural da Dakota do Norte e solicitando uma reunião. Depois, escreveu para o vereador do Condado, parabenizando-o pelo concerto da estrada asfaltada e solicitando uma reunião. Escreveu para seu amigo, o colunista do jornal, Bob Cory, e sugeriu uma data para ele fazer um passeio pela reserva. Redigiu respostas longas a várias pessoas que haviam enviado cartas para a comunidade por curiosidade.

Após terminar a correspondência oficial, Thomas se voltou para a carta e cartão de aniversário de Ray. *Já se foi mais um ano? Parece que o tempo nem passou desde que eu admirei aquele rostinho minúsculo e um tufo de cabelos castanhos. Acho que a primeira vez que me viu, você piscou para mim como se quisesse dizer, “Não se preocupe, papai, eu valho cem por cento todo o trabalho que dei para a mamãe”. Você manteve sua promessa, na verdade, eu e sua mãe diríamos que valeu duzentos por cento...* Seu texto fluído rapidamente preencheu seis páginas de pensamentos e novidades. Porém, quando fez uma pausa para ler, não conseguia se lembrar de ter escrito nada daquilo, embora a caligrafia fosse perfeita. Confuso. Ele

4. Os internatos funcionaram como política pública do século XVII até o fim do século XX, inclusive no Brasil. O objetivo era embranquecer e apagar as culturas indígenas por meio da assimilação. No Canadá e nos EUA, essas escolas eram obrigatórias e administradas pela igreja, e deixaram feridas nas comunidades até hoje, já que muitas dessas crianças nunca voltaram para casa. [N. da R.T.]

bateu com a caneta na cabeça. Tinha dormido enquanto escrevia. Essa noite foi pior do que a maioria, porque então ele não conseguia lembrar o que tinha lido. Tudo se repetia: ele escrevia, depois lia, esquecia o que tinha escrito, depois se esquecia do que tinha lido, depois escrevia tudo de novo. Se recusava a parar, mas, aos poucos, começou a se sentir inquieto. Teve a sensação de que havia alguém nos cantos escuros do recinto. Alguém o observando. Ele soltou a caneta lentamente, se virou na cadeira e olhou para trás, para as máquinas paradas.

Havia um garotinho com cabelo desgrenhado agachado em cima da serra de fita. Thomas chacoalhou a cabeça, piscou, mas o garoto continuava lá, com seu cabelo preto espetado em um topete. O menino vestia o mesmo colete de lona amarelo e marrom que Thomas havia usado no terceiro ano do internato em Fort Totten. O garoto parecia alguém. O vigia olhou fixamente para o menino de cabelo espetado até o pequeno voltar a ser um motor.

— Preciso esfriar a cabeça — disse Thomas.

Ele entrou no banheiro, enfiou a cabeça debaixo da torneira de água fria e lavou o rosto. Depois bateu o cartão de ponto para o segundo turno.

Desta vez, ficou se mexendo lentamente e se inclinando para frente, como se enfrentasse um vento muito forte. Seus pés estavam inquietos, mas a mente se acalmou depois que ele terminou.

Thomas ajustou as calças para manter o vinco e se sentou. Rose também fez vincos nas mangas da camisa com amido usado. Mesmo nas roupas verde argila opacas de trabalho, ele parecia respeitável. O colarinho nunca ficava mole, mas ele queria relaxar. A cadeira era estofada, confortável. Confortável demais. Thomas abriu a garrafa térmica. Era uma Stanley de primeira linha, um presente de suas filhas mais velhas. Tinham lhe dado a garrafa para comemorar seu emprego assalariado. Ele serviu um pouco de café preto na tampa de ferro que também servia como caneca. O metal quente, as bordas suaves e a base em formato feminino faziam com que fosse bom de segurá-la. Ele permitiu que seus olhos se fechassem longa e suntuosamente a cada gole. Por pouco quase dormiu. Acordou assustado. Ordenou com ferocidade que o café fizesse seu trabalho.

Era normal que conversasse com coisas no trabalho.

Thomas abriu sua marmita. Sempre se comprometia a comer algo leve para não ficar ainda mais sonolento, mas o esforço de ficar acordado o deixava com fome. O mastigar, momentaneamente, o animava. Comeu carne de cervo gelada entre duas fatias do maravilhoso pão

fermentado de Rose. Uma cenoura gigantesca que havia cultivado. O sabor azedo da maçã o deixou bem-disposto. Ele guardou um pequeno pedaço de queijo processado e um pão cheio de geleia para o desjejum.

O luxo que era aquele sanduíche de carne de cervo o fez lembrar-se dos poucos pedacinhos de carne entre as finas fatias redondas de esôfago que ele e o pai haviam comido naquele ano difícil, a caminho de Fort Totten. Havia momentos de fome que ele nunca esqueceria. De como aqueles filamentos duros de carne retirados dos ossos de cervos eram deliciosos. De como havia mascado aqueles pedaços, chorando de fome. De como eram ainda mais gostosos do que o sanduíche que comeu agora. Ele terminou, juntou as migalhas na palma da mão e as jogou para dentro da boca; uma mania dos dias de vacas magras.

Um de seus professores do internato era fanático pelo Método Palmer de caligrafia. Thomas passara horas e mais horas fazendo círculos perfeitos, escrevendo da esquerda para a direita e depois ao contrário, desenvolvendo os músculos corretos da mão e a posição adequada do corpo. E, é claro, os exercícios de respiração. Tudo aquilo agora era um hábito. As letras maiúsculas eram especialmente satisfatórias. Ele quase sempre fazia frases que começavam com suas letras maiúsculas favoritas. *Rs* e *Qs* eram sua arte. Ele escreveu sem parar, hipnotizado em si mesmo, até que, por fim, caiu no sono e acordou babando no punho cerrado. Bem na hora de bater o cartão para a ronda final. Antes de pegar a lanterna, ele vestiu a jaqueta e retirou um charuto da maleta. Desembalou-o, sentiu o aroma e o enfiou no bolso da camisa. Quando terminasse, ele o fumaria do lado de fora.

Era a hora mais escura. A noite era densa fora do feixe de sua lanterna. Ele a desligou por um instante para ouvir os padrões de ruídos e rangidos peculiares do prédio. Havia uma quietude incomum. A noite estava sem vento, o que era raro nas planícies. Do lado de dentro das grandes portas de serviço, acendeu o charuto. Às vezes, ele fumava em sua mesa, mas gostava do ar fresco para clarear as ideias. Depois de verificar se estava com as chaves, saiu. Deu alguns passos. Um ou outro grilo continuava cantando na relva, um som que fazia seu coração vibrar. Foi nessa época do ano que ele e Rose haviam se conhecido. Agora ele estava na laje de concreto longe do feixe do refletor externo, olhando para cima para o céu sem nuvens e para a fria camada de estrelas.

Olhando o céu à noite, ele era o Thomas que tinha aprendido sobre as estrelas no internato. Mas também era o Wazhashk que tinha apren-